



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURAS NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

MARIA ANIELLE DA SILVA

**ABORDANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O GÊNERO CORDEL NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**GUARABIRA
2022**

MARIA ANIELLE DA SILVA

**ABORDANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O GÊNERO CORDEL NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação da Especialização da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino.

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586 Silva, Maria Anielle da.
Abordando a variação linguística e o gênero cordel na Educação Básica [manuscrito] : uma proposta de atividades para o 9º ano do Ensino Fundamental / Maria Anielle da Silva. - 2022.
28 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino , Departamento de Letras - CH."
1. Variação Linguística. 2. Ensino básico. 3. Cordel. I.
Título

21. ed. CDD 398.5

MARIA ANIELLE DA SILVA

ABORDANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O GÊNERO CORDEL NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação da Especialização da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

Aprovada em: 25/10/2022

BANCA EXAMINADORA

Maria de Fátima S. Aquino

Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Karla Valéria Araújo Silva

Profa. Ma. Karla Valéria Araújo Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi

Profa. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Ao meu amigo fiel, Jesus Cristo, pelo discernimento, pelas bênçãos diárias e, ainda, por me permitir ter, no céu, uma intercessora, DEDICO.

“[...] A língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservadas ao longo dos séculos, e também muitas inovações, resultantes das transformações inevitáveis por que passa tudo o que é humano — e nada mais humano do que a língua...” (BAGNO, 2004, p. 24).

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Atividade para o 9º ano do Ensino Fundamental	19
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular
PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	Sociolinguística: um estudo referente à variação linguística, ao preconceito e ao ensino	11
2.1.1	<i>Cordel, variação linguística e ensino</i>	15
3	METODOLOGIA	17
4	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CORDEL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	19
4.1	Reflexões acerca da proposta	22
5	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	24
	ANEXO	26

ABORDANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O GÊNERO CORDEL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Anielle da Silva*
Maria de Fátima de Souza Aquino**

RESUMO

É bem comum visualizar, em diversos âmbitos culturais, o modo de falar de alguns indivíduos ser tratado como “equivocado”, sendo proferidos, muitas vezes, discursos preconceituosos por pessoas que, talvez, desconheça a diversidade da língua. Tal fato acarreta falta de empatia perante as distinções linguísticas do outro. Partindo desse pressuposto, o objetivo geral do nosso trabalho é abordar a importância do ensino variacionista na educação básica, utilizando como alicerce o gênero cordel. Para o desenvolvimento do artigo, utilizou-se os pensamentos de estudiosos que refletem a respeito da variação linguística, como Bagno (1999; 2008) e Bortoni-Ricardo (2004; 2005). Foram utilizados, ainda, os documentos oficiais da educação: Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN (BRASIL, 1998a; 1998b) e Base Nacional Comum Curricular — BNCC (BRASIL, 2018), entre outros. Sendo assim, a metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, sob o método do cunho bibliográfico. Com base nisso, propomos em nosso trabalho uma proposta didática intervencionista destinada ao Ensino de Língua Portuguesa para as turmas de 9º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica. Portanto, a partir do presente trabalho, concebemos a variação linguística com mais respeito, tendo em vista que reconhecemos a heterogeneidade linguística não como “erro”, mas como a valorização do uso real da língua principalmente através das atividades propostas, uma vez que as mesmas contribuem positivamente para o ensino e orientação da temática em sala de aula.

Palavras-chave: Variação linguística. Ensino básico. Cordel.

ABSTRACT

It is very common to see, in different cultural contexts, some's way of speaking being treated as “mistaken”, and often, prejudiced speeches are given by people who, perhaps, are unaware of the diversity of the language. This fact entails the lack of empathy towards the linguistic distinctions of the other. Based on this assumption, the general objective of our work is to address the importance of variationist teaching in basic education, using the *Cordel* genre as foundation. For the development of the article, we used the thoughts of scholars who reflect on linguistic variation, such as Bagno (1999; 2008) and Bortoni-Ricardo (2004; 2005). The official education documents were also used: *Parâmetros Curriculares Nacionais* (National Curricular Parameters) — PCNs (BRASIL, 1998a; 1998b) and *Base Nacional Comum Curricular* (National Curricular Common Base) — BNCC (BRASIL, 2018), among others.

*Pós-graduanda em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: aniellemaria18@gmail.com.

**Professora Doutora Associada da Universidade Estadual da Paraíba, atuando na graduação e na pós-graduação. E-mail: fatimaaquinouepb@yahoo.com.br.

Therefore, the methodology used was of a qualitative approach, under the bibliographic method. Therefore, from the present work, we conceive linguistic variation with more respect, given that we recognize linguistic heterogeneity not as a “mistake”, but as an appreciation of the real use of language.

Keywords: Linguistic variation. Basic education. Cordel.

1 INTRODUÇÃO

É bem comum visualizar, em diversos âmbitos culturais, que o modo de falar de alguns indivíduos tende a ser tratado como “equivocado”, sendo proferidos, muitas vezes, discursos preconceituosos perante isso por pessoas que, talvez, desconheçam a diversidade da língua, acarretando a falta de empatia perante as distinções linguísticas do outro. Com relação a isso, acreditamos ser necessário incentivar o conhecimento sobre diversidade linguística, principalmente, em sala de aula, visto ser o lugar em que mais observamos um grande número de variações, o que inclui a linguística.

A partir disso, torna-se possível salientar para os estudantes a ideia de que as pessoas não devem menosprezar e nem ser menosprezadas pelo uso que fazem da língua. Nesse viés, o olhar e as palavras proferidas, a fim de discriminar o outro, acabam “destruindo” a liberdade comunicativa não só de uma única pessoa, mas de todos que fazem parte do seu ciclo particular, tendo em vista que a variante oral da língua, a qual desenvolvemos em casa desde a infância, apresenta-se, por diversas vezes, no ato comunicativo.

Em virtude disso, trabalhar a variação linguística é abrir um leque de possibilidades dentro da sala de aula, para que as pessoas reconheçam a importância que há na fala do outro. Com base nisso, ressaltamos que ensinar variação linguística é, simultaneamente, afirmar as nossas próprias características como falantes únicos e diversificados que somos. Nessa perspectiva, percebemos que, através do cordel, é possível apresentar, de forma eficaz, a temática variacionista em sala de aula. No gênero em questão, encontramos não só a linguagem informal, como também expressões típicas da cultura e da tradição nordestina. Tal fato nos proporciona reflexões sobre a hierarquia linguística ainda presente em nossa sociedade.

Além disso, encontramos, no cordel, abordagens que se adequam à realidade linguística dos próprios estudantes, como por exemplo, a linguagem regional, coloquial, cultural e assim sucessivamente, sendo possível visualizarmos através dessa diversidade linguística abordada pelos discentes, que ainda existem pessoas que tendem a agir de maneira desrespeitosa perante a fala destes. Partindo dessa ideia, a partir da temática proposta nesse artigo, torna-se possível orientar os alunos sobre a diversidade lexical, a fim de que esta seja respeitada.

Para tal, o objetivo geral do nosso trabalho é abordar a importância do ensino variacionista na educação básica, utilizando como alicerce o gênero cordel. No que diz respeito aos objetivos específicos, visamos: a) ressaltar sobre a heterogeneidade linguística em seus diversos e dinâmicos cenários socioculturais; como também, b) apresentar uma proposta didática focada no ensino da variação linguística dentro do cordel *O poeta da roça*, de Patativa do Assaré.

Para atingir os objetivos aqui pré-estabelecidos, tomamos como base a metodologia qualitativa que, para Silveira; Córdova (2009, p. 34), preocupa-se “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Diante disso, justificamos esse trabalho como essencial para todos os âmbitos sociais, isto é, desde a sala de aula até os diversos contextos que permitem o ato comunicacional, uma vez que o estudo aqui desenvolvido possibilita enxergar a língua não como sinônimo da norma padrão, mas inteiramente diversificada, a qual merece ser vista e ser aceita com total respeito por todos os falantes.

Enfatizamos, ainda, que o cordel tratado na proposta de atividade é de autoria de Patativa do Assaré, cearense que se tornou um dos grandes nomes da poesia

popular nordestina, reconhecido através das suas obras. Desse modo, a obra *O poeta da roça*, faz parte do livro *Cante lá que eu canto cá*, publicado, inicialmente, em 1978. Tal obra faz menção ao homem do campo, representando, assim, a linguagem simples do ser nordestino.

Destarte, para o estudo direcionado à variação linguística, utilizamos os pensamentos de Bagno (1999; 2008); Bortoni-Ricardo (2004; 2005), entre outros. Em sequência, para as discussões acerca do gênero cordel, refletimos perante os pensamentos de Alves (2016); Marcuschi (2010) e Sousa (2014). Ademais, permeamos o trabalho com os direcionamentos dos documentos que norteiam a educação no Brasil, a saber: os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN — (BRASIL, 1998a; 1998b) e a Base Nacional Comum Curricular — BNCC — (BRASIL, 2018).

Diante disso, além dessa parte introdutória, na qual apresentamos nossas considerações iniciais a respeito da temática, o estudo está dividido em quatro unidades retóricas, as quais correspondem à seguinte ordem: primeiramente, conduziremos a segunda seção para a fundamentação teórica, dividindo-a em duas partes, uma direcionada para a importância do ensino sobre variação e preconceito linguístico em sala de aula e a outra a respeito do gênero cordel, o qual concebemos como eficaz no ensino variacionista. Na terceira unidade, destacaremos os procedimentos metodológicos que embasam a pesquisa científica. Logo após, no quarto momento, apresentaremos uma proposta de atividades voltada para turmas do 9º ano do Ensino Fundamental — anos finais —, a fim de contribuir com o ensino da variação linguística a partir do gênero cordel. Adiante, dirigiremos uma breve reflexão perante a proposta didática e, por fim, exporemos as nossas considerações finais, bem como, as referências utilizadas no presente trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção, apresentaremos a importância de examinarmos a variação linguística, o preconceito linguístico e suas implicações para o ensino. Após tais considerações, traçaremos reflexões sobre o gênero cordel, a fim de expormos sua estrutura, bem como, a importância da utilização de tal gênero em sala de aula.

2.1 Sociolinguística: um estudo referente à variação linguística, ao preconceito e ao ensino

Tendo em vista que o uso da linguagem permite a interação entre os seres humanos em meio à sociedade, acreditamos que a língua e o corpo social não devem ser observados distintamente, dado que ambos, necessariamente, estão interligados. Seguindo essa linha de pensamento, Oliveira; Cyranka (2013, p. 76) afirmam que:

Foi com base nessa premissa **de que língua e sociedade estão interligadas** que a Sociolinguística surgiu nos últimos anos da década de 60, principalmente com as pesquisas de William Labov, linguista norte-americano que enxergou um princípio básico, o de que a língua sofre variações e deve ser vista e analisada segundo a sua relação com a sociedade que a utiliza (grifo nosso).

Ainda consoante os autores supracitados, esse princípio nos leva à reflexão sobre a heterogeneidade da língua, a qual está em constante mudança, sofrendo alterações lexicais, morfossintáticas, fonológicas, entre outras, ao longo do tempo. À vista disso, podemos visualizar a diversidade linguística em seu processo variacionista e, de tal modo, respeitar e valorizar a forma de falar de cada ser humano.

No entanto, como consequência do desconhecimento a respeito da diversidade linguística, alguns cidadãos, que utilizam a linguagem coloquial, são observados, muitas vezes, como pessoas que não obtiveram estudo formal ou como morador da zona rural. Ademais, esses preconceitos acontecem pelo fato de que alguns indivíduos não enxergam que cada ser humano possui suas próprias emoções, qualidades e diferenças, inclusive seu próprio vocabulário. Diante disso, fica claro que todos nós nos diferenciamos uns dos outros e, referente à diversidade linguística, “é como se cada pessoa falasse uma língua só sua...” (BAGNO, 2008, p. 20).

Ao levarmos isso em consideração, é observável diversos relatos de alunos que chegam à escola e se deparam com comentários preconceituosos, baseados em seu modo variacionista de falar e de pronunciar diante de algumas situações, haja vista que esses estudantes abordam, cada qual, um modo de falar particular, adquirido no decorrer de seu processo sociocultural e familiar. Como consequência, diversos discentes, por não reconhecerem a variedade da língua, acabam desistindo da escola, posto que não se sentem acolhidos em meio aos colegas.

Isso ocorre, em muitos casos, devido à falta de incentivos e de formação continuada dos professores. Percebemos, ainda, docentes presos ao ensino restritivo da gramática normativa, considerando-se o único conhecedor do que a mesma aborda. Desse modo, tais profissionais tendem a seguir, fielmente, os ditos desta gramática, deixando de lado as diversidades apresentadas nos falares dos discentes, desconsiderando, em muitos casos, com desprezo, os conhecimentos variacionistas presentes em cada estudante. Tais fatos vão de encontro ao que Bagno (1999) ressalta, pois "de um verdadeiro professor devemos sempre esperar compaixão, solidariedade, empatia, nunca o ódio, muito menos o riso deplorador" (p.128).

Diante do supracitado, torna-se importante salientar que esse trabalho não sugere que o educador deixe de tratar totalmente sobre o que propõe a gramática normativa, mas que, acima de tudo, esteja apto e acessível às novas práticas de ensino, principalmente, no que tange à variação linguística. Dessa maneira, o professor contribuirá para a existência de uma sala de aula mais agradável e mais sensível às diferenças de outrem, visto que cada pessoa possui seu jeito único de falar.

A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2004) nos leva a refletir, comungando dos pensamentos de outros estudiosos, que a escola não deve/deveria utilizar a incidência do “erro” do aluno como motivo para humilhá-lo. Por outro lado, é consideravelmente pedagógico quando o ser docente está atento às diferenças linguísticas de cada discente e quando demonstra ter respeito por elas. Com relação a isso, pontuamos a importância do profissional em modalizar o conhecimento acerca da variação linguística, com ênfase no que propõe a Sociolinguística Educacional. Essa vertente defende a importância dos alunos e dos professores reconhecerem a diversidade da língua, em prol de menos preconceito nas aulas de Língua Portuguesa, frente às diversidades presentes nos falares dos estudantes, tidas, geralmente, como “erro” perante a gramática normativa. Posto isso, a

A Sociolinguística Educacional propõe que se leve para as salas de aula a discussão sobre a variação linguística, orientando os alunos a reconhecerem

as diferenças dialetais e, mais importante, a compreenderem que essas diferenças são normais, legítimas e que devem ser consideradas na seleção das estruturas a serem utilizadas a depender das condições de produção, isto é, das necessidades do leitor/escritor, falante/interlocutor, a partir do contexto em que se encontra. Desse modo, o conceito de ‘certo/errado’ em linguagem é substituído pelo de ‘adequado/inadequado’, o que predispõe os alunos ao desejo de ampliarem a competência comunicativa que já possuem, construindo crenças positivas sobre o conhecimento que têm de sua língua, no caso, a língua portuguesa (CYRANKA, 2016, p.169).

No que diz respeito ao supradito, acreditamos ser de suma importância que os docentes trabalhem, em sala de aula, a variação linguística. Porém, ao discutir a respeito das práticas de linguagem — língua padrão e a não padrão — com os alunos, o diálogo necessita ser proveitoso para ambas as partes, de modo que o estudante não se sinta reprimido, mas que tenha a coragem de questionar e de ressaltar sobre os diversos contextos sociais. Levando isso em consideração, Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) ressalta que “a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”. Ou seja, um aluno que chega à escola utilizando a palavra *aipim*, enquanto outro estudante recorre à *macaxeira*, não está equivocado, porque ambas expressões caracterizam o mesmo alimento dentro da Língua Portuguesa.

Ademais, diante dos pensamentos de Bagno (2008) em seu livro *A Língua de Eulália*, passamos a refletir que a escola, ao tratar a língua como limitada à variante padrão para todos os povos, acaba cometendo um grande deslize. Nesse contexto, a instituição de ensino esquece que cada ser humano tem sua individualidade pessoal e linguística, bem como, a língua é heterogênea.

Nessa perspectiva, Bagno (1999, p. 51) nos leva à ponderação de que é extremamente necessário abandonar o corriqueiro pensamento, principalmente, em sala de aula, de que existe um português “melhor” ou “pior” do que o outro. Ainda nessa linha de pensamento, o desejável é que pelo menos a maioria das pessoas respeite e valorize todas as variantes da língua que, segundo o autor, “constituem um tesouro precioso de nossa cultura”. Dessa forma, para romper essa ideia enraizada na sociedade de que existe uma única forma de falar, dialogando com os pensamentos supracitados, os PCN (BRASIL, 1998b) também visam alertar e orientar os docentes e as instituições de ensino para combaterem o mito de que

Existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (p. 31).

Em conformidade ao que nos diz os PCN, o que se almeja não é obrigar o aluno a falar “certo”, pelo contrário, é levá-lo a refletir sobre as práticas de uso da língua diante das diversas situações de interação. Nesse viés, orientar esse estudante sob a ótica da adequação linguística é prepará-lo para se posicionar, adequadamente, às necessidades do ambiente no qual ele está inserido. Com efeito, essa preparação proporciona ao discente o poder de se apropriar da língua conforme pede os diversos âmbitos de comunicação.

Dessa forma, o mediador precisa informar aos alunos que existem duas maneiras de posicionamento linguístico. Isto é, em um ambiente descontraído, o estudante poderá utilizar a linguagem mais coloquial, enquanto em ambientes mais

formais ele precisa, geralmente, agir também com formalidade. Contudo, esse discente não irá deixar de lado o modo coloquial de falar, pelo contrário, usufruirá de ambas maneiras baseadas, adequadamente, em cada local.

Nesse viés, o discente, em sala de aula, vai desenvolver e aprimorar habilidades para se posicionar em diversos locais, utilizando a variante da língua apropriada para o momento, como também, ele vai entender que “o professor não fala em casa como na aula e muito menos numa conferência. O deputado não fala na rua, ao se encontrar com um amigo, comoalaria numa sessão da Câmara” (BECHARA, 2014, p.21). Desse modo,

A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala (BORTONI-RICARDO, 2005, p.26).

Ainda conforme a autora, o professor, ao levar para os alunos a empregabilidade das variedades da língua, contribuirá de forma positiva para que o corpo discente compreenda que existem diversas maneiras de expressão. Ademais, contribuirá para que os estudantes consigam dominar seus diversos discursos perante os ambientes formais e informais.

Desse modo, para que essa prática de ensino voltado à orientação de duas vertentes (linguagem formal e linguagem informal) dê certo, torna-se imprescindível que haja a conscientização não apenas do professor, como também, de todos os que constituem a instituição escolar. Para isso, é necessário que os envolvidos entendam que “independentemente do código usado — a variedade-padrão ou variedades não-padrão —, qualquer aluno que tome o piso em sala de aula deve ser ratificado como um participante legítimo da interação” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 197). Com base nisso, reforçamos que a

[...] língua portuguesa, como qualquer língua, tem o certo e o errado somente em relação à sua estrutura. Com relação a seu uso pelas comunidades falantes, não existe certo e errado linguisticamente, mas o diferente (CAGLIARI, 2002, p. 35, *apud*, LIMA, 2012).

Semelhante a isso, a BNCC (BRASIL, 2018) apresenta dez competências específicas de Língua Portuguesa relacionadas ao Ensino Fundamental. Dentre elas, duas se destacam como pontos essenciais que precisam ser considerados pelo professor e, principalmente, aplicadas ao ensino da variação linguística nas aulas de Português, a saber:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. [...]
4. Compreender *ainda* o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos (p. 85, grifo nosso).

A partir disso, destacamos que o professor, o qual necessita assumir o posto de mediador e não como o único que sabe utilizar adequadamente a língua, tende a contribuir com cidadãos/alunos melhores, bem como, com profissionais qualificados em meio a qualquer área no futuro, já que atribui a esses estudantes o direito ao

conhecimento acerca da diversidade da língua e, certamente, das suas variadas práticas de uso.

A seguir, reforçaremos a necessidade de modalizar o conhecimento da variação linguística para sala de aula. Para facilitar essa abordagem, apresentamos o gênero cordel como meio viável para efetivar essa ação, na prática de ensino.

2.1.1 Cordel, variação linguística e ensino

A *priori*, a presente seção destina-se a ressaltar o gênero cordel dentro do ensino da variação linguística. Para tal, trazemos Marcuschi (2010, p. 19), o qual nos descreve que “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” e, ainda, que “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades do dia a dia”. Ao levarmos isso em consideração, pontuamos que o trabalho com esse gênero servirá, de forma eficaz, para abordar a questão variacionista em sala de aula.

Tendo em vista que o gênero cordel aborda, em muitos folhetos, a vida cultural e social de um determinado povo, iremos, por meio dessa dinâmica sociocultural do gênero, encontrar várias propostas de análise voltadas para o ensino da variação linguística. Em decorrência disso, consideramos que esse gênero facilmente irá se encaixar nesse ensino, dado que a essência do cordel é a oralidade e, por isso, apresenta uma variante da língua utilizada pelos próprios alunos. Além disso, a variação linguística trabalha com a concepção de que não existe certo ou errado no que tange à língua. Diante disso, a união entre variação linguística e cordel facilitará o entendimento dos discentes acerca das diferenças lexicais.

Dessa forma, o cordel, por abordar uma linguagem representativa, presente na realidade de muitos alunos, contribui para que eles tomem gosto pela literatura, bem como, reconheçam que a linguagem nordestina, presente em muitas obras, é tão valiosa como qualquer outra. Ademais, o contato com esse gênero permite que o estudante assuma um posicionamento crítico diante das diferentes temáticas presentes em muitos livretos, como as que versam sobre política, diversidade, religião, entre outras. Nessa perspectiva,

O cordel em sala de aula proporciona muitos diálogos essenciais para a formação dos alunos. Enquanto narrativa próxima ao popular pode-se discutir a relação entre as diferentes formas de narrar e até mesmo denunciar realidades “quase invisíveis”. Diante disso é possível dialogar com o popular, o de rua, o da praça pública, uma vez que, encontra-se aí um outro olhar sobre o outro, um olhar não estatizado (ALVES, 2016, p.13).

Perante o exposto, defendemos ser importante trabalhar com os gêneros no campo educacional, uma vez que eles são fundamentais para a comunicação. Por isso, por meio do ensino da variação linguística, mediado pelo gênero cordel, é possível sensibilizar os educandos a respeito do preconceito linguístico, já que, em dialogia com a citação acima, espera-se que o discente consiga olhar para o outro com mais empatia e com cuidado acerca das suas diferenças.

Contudo, é necessário ressaltar que o professor não deve apenas levar a literatura de cordel para sala de aula e propor uma vaga leitura. Nesse sentido, é mais significativo que o docente discuta com os alunos sobre a linguagem variacionista presente no texto, orientando-os a respeito das características e da importância não só do gênero, mas também das temáticas que ele carrega, como por exemplo, os valores humanos.

Além disso, o professor que leva essa proposta da variação linguística com o cordel para a sala de aula corresponde a um profissional aberto para novas formas do fazer docente, agregando de forma positiva nas práticas pedagógicas. Nesse cenário, o docente tende a modalizar a ideia, ainda enraizada na sociedade, de que o cordel não deve ser utilizado no ensino por abordar uma linguagem “equivocada”, o que caracterizamos como um mito, dado que acreditamos que a linguagem abordada como “incorreta” é uma variante existente na língua dos cidadãos.

Com base nisso, observamos o cordel como suscetível para ser trabalhado/utilizado em sala de aula. Através dele, podemos abordar a variação linguística e, desse modo, amparar os discentes, para que, uma vez conhecedores da sua heterogeneidade vocabular, passem a aceitar suas diferenças e as diferenças de outras pessoas. Nesse sentido, levando o gênero cordel em consideração,

É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens de diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade. (BRASIL, 1998a, p. 44).

Desse modo, ao considerar o que já foi exposto, acrescentamos, também, que o cordel permite que os alunos se interessem pela estrutura e pela leitura do gênero, possivelmente, pelo fato da sua dinamicidade em abordar rimas, musicalidade e outros traços característicos dele próprio. Além disso, faz com que os estudantes desenvolvam a capacidade de olhar criticamente para o texto, bem como, para a inserção do uso das variantes.

Nessa perspectiva de unir variação e gênero, Sousa (2014, p. 21) defende que, para uma pedagogia totalmente interessada na aprendizagem e nos conhecimentos dos alunos, é necessário, antes de tudo, que “entendamos o contexto atual, no qual nossos alunos estão inseridos, para podermos auxiliá-los em relação a uma leitura que transcenda o superficial, numa perspectiva histórico-crítica, contextualizada”. Portanto, levando isso em consideração, a BNCC (BRASIL, 2018) afirma que:

A vivência em leitura a partir de práticas situadas, envolvendo o contato com gêneros escritos e multimodais variados, de importância para a vida escolar, social e cultural dos estudantes, bem como as perspectivas de análise e problematização a partir dessas leituras, corroboram para o desenvolvimento da leitura crítica e para a construção de um percurso criativo e autônomo de aprendizagem da língua (p. 242).

Sendo assim, observamos o cordel por uma perspectiva multimodal, uma vez que no mesmo encontramos não apenas as xilogravuras, mas também pode ser visualizado através de vídeos e sons. Portanto, compreendemos que

Essa aprendizagem efetiva propiciada pelo Cordel pode constituir-se utilizando modos de representação como textos, xilogravuras, gestos, animação, sons e etc. O Cordel é um gênero multimodal e, através dele, também é possível estabelecer relações entre o texto literário e o conhecimento de mundo dos alunos e, assim, ressignificar o ensino (SILVA, 2017, p. 47).

Em síntese, a partir do que já foi apresentado, acreditamos ser possível levar para o meio escolar a orientação linguística para os alunos a partir de uma proposta

com o gênero cordel, pois, acreditamos que essa literatura fornece viáveis formas de atrair os discentes. Ao levarmos o cordel para a sala de aula, tal gênero pode ser apresentado de diversas maneiras, seja impresso, em áudio e/ou em vídeo, tornando o conteúdo mais dinâmico e atrativo.

Levando isso em consideração, o cordel “o poeta da roça” o qual utilizamos em nossa proposta intervencionista para se trabalhar a variante linguística, é de autoria de Antônio Gonçalves da Silva mais conhecido por Patativa do Assaré, poeta, repentista e Brasileiro que através de seus cordéis valorizava o seu povo e o seu Nordeste. Vale ainda salientar, que o cordel citado anteriormente, faz parte do livro Cante lá que eu canto cá, livro este que faz menção aos homens do campo e os sofrimentos vivenciados pelos mesmos, o que não poderia ser diferente, uma vez que este autor foi quem mais esteve diante as classes desprezadas pela sociedade, principalmente do pobre sertanejo que por sua linguagem simples tende a sofrer diariamente com o menosprezo social e linguístico.

A seguir, apresentamos os métodos utilizados para a elaboração desse estudo.

3 METODOLOGIA

Ao considerarmos os argumentos de Marconi e Lakatos (2003, p. 155), quando afirmam que pesquisa é “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”, desenvolvemos esse trabalho a partir da abordagem qualitativa, conforme o primado do cunho bibliográfico. Sob outra linha de pensamento, Bortoni-Ricardo (2008) enfatiza que o professor pesquisador não se baseia apenas nos conhecimentos já refletidos por outras pessoas, mas que, além de ir em busca de bibliografias, interessa-se em produzir os próprios conhecimentos acerca dos problemas aparentes no ensino, a fim de melhorar a sua própria prática educacional.

Além disso, a autora em questão discute que o que diferencia um docente pesquisador de outros profissionais é, justamente, a eficácia de poder refletir sobre as suas próprias metodologias. Assim, há uma busca para desenvolver técnicas positivas que visem a superação das dificuldades enfrentadas, haja vista que o professor se encontra aberto, bem como, curioso para as novas abordagens de ensino que, para nós, devem estar atreladas a metodologias que atraiam os discentes para os conteúdos modalizados em sala de aula.

Contudo, compreendemos que, para a formulação de uma pesquisa, é necessário nos basearmos em pensamentos de estudiosos que dialoguem com a temática que está sendo discutida, para que, a partir deles, seja possível adquirir conceitos concretos. Por isso, recorreremos a artigos e a livros, os quais nos deram suporte para a elaboração do presente trabalho.

Em face do exposto, o interesse em abordar essa temática, que trata da variante linguística através do gênero cordel, surgiu devido à carência de práticas pedagógicas que a utilizem em sala de aula. A partir das considerações propostas nesse trabalho, esperamos que surja o interesse nos docentes e/ou estudantes em conhecer mais sobre esse mundo variacionista. Desse modo, a proposta de intervenção, correspondente à possibilidade de trabalhar a variação linguística através do gênero cordel, visa contribuir para os profissionais que se interessam em levar essa importante vertente do ensino de Língua Portuguesa para seus alunos.

Para tanto, pensando em alcançar respostas acerca da problemática ressaltada nesse escrito, frisamos que nos detemos à metodologia qualitativa, pois entendemos

que a mesma “*objetiva* uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social” (GOLDENBERG, 2004, p. 49, grifo nosso). Com efeito, a nossa proposta está voltada para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica em seu viés variacionista, especificamente, em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental — anos finais. Concernente a isso, as aulas foram pensadas para serem aplicadas de forma interativa, dinâmica, reflexiva e dialogada.

Como objetivo geral das atividades, estruturamos o desenvolvimento reflexivo dos estudantes perante as diversidades linguísticas abordadas no cordel *O poeta da roça*, de Patativa do Assaré, por meio de rodas de conversas, questionamentos e valorização da língua em seus diversos âmbitos, que permite a comunicação/interação entre os indivíduos inseridos no meio social.

O desenvolvimento da proposta intervencionista se dá através de 7 aulas, sendo estas divididas em 5 momentos:

- 1º Motivação inicial (1 aula);
- 2º Apresentação da temática (1 aula);
- 3º Reflexão acerca da variação linguística, a partir da leitura do texto impresso (2 aulas);
- 4º Análise do cordel (2 aulas);
- 5º Dinâmica para conclusão das atividades (1 aula).

No primeiro momento, é proposto que o professor estimule a turma para o interesse da temática através de um vídeo do *YouTube*, o qual musicaliza o cordel *O poeta da roça* (1978), de Patativa do Assaré. Tal ação contribui para um momento dinâmico, que chama a atenção dos estudantes, uma vez que o gênero traz como características não só as variedades da língua, mas também, as rimas e a musicalidade nos versos. Em seguida, é sugerido que o mediador realize breves considerações a respeito da variação linguística e do gênero cordel, tornando-se, assim, um momento introdutório.

Depois, segue a proposta com a leitura coletiva do cordel, observando, a partir desse escrito, as variedades da língua. Nesse momento, consideramos ser possível a realização de alguns questionamentos por parte do professor para os alunos, a fim de instigar a turma a refletir sobre as palavras que variam conforme o lugar, o meio social, entre outros fatores. No prosseguir, sugerimos uma atividade para análise do cordel, com o intuito de que os estudantes possam analisar, cuidadosamente, as variáveis expostas no poema. Ademais, é possível que os discentes reflitam diante o sentimentalismo que o texto provoca. Como ação final das atividades, indicamos uma dinâmica que estimula a empatia e o respeito para com as diferenças linguísticas em sala de aula.

No que tange à avaliação, consideramos que o docente pode desenvolvê-la de forma contínua, dando ênfase ao envolvimento e à participação dos estudantes durante as aulas e as propostas sugeridas. Os recursos que julgamos como necessários para o desenvolvimento das atividades são: vídeo, *slides* com imagens e conceitos, texto *O poeta da roça* impresso, dicionário, papel, caneta, garrafas pet e uma bola.

Vale salientar ainda, que propomos as atividades para as turmas de 9º ano pelo fato de acreditarmos que nesta fase de ensino os alunos já agem de forma um tanto amadurecida perante algumas questões sociais, haja vista, que é preciso que os

mesmos ajam de forma humanizada e acolhedora perante as distinções linguísticas uns dos outros assim como é proposto no decorrer das atividades.

Em linhas gerais, no tocante à relevância desse artigo científico, reforçamos, nessa seção metodológica, que o presente trabalho se torna significativo, tanto para a sala de aula como para todos os contextos interacionistas de comunicação, dado que ele está atrelado a orientar a diversidade linguística, a qual acreditamos que merece ser vista com total respeito.

A seguir, apresentamos um quadro com a nossa proposta de intervenção.

4 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CORDEL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Quadro 1 — Atividade para o 9º ano do Ensino Fundamental

1º momento: motivação inicial (01 aula)
<p>Recursos utilizados: <i>datashow</i> com apresentação do cordel <i>O poeta da roça</i> (1978) através de vídeo em ritmo musical pela plataforma <i>Youtube</i>.</p> <p>Objetivo da aula: estimular o interesse dos alunos sobre a variação e o preconceito linguístico através da dinâmica musical, como também, contemplar o viés literário do gênero cordel, bem como a importância do autor Patativa do Assaré para essa literatura cordelista.</p> <p>Desenvolvimento da atividade: apresentar aos alunos o cordel <i>O poeta da roça</i>, de Patativa do Assaré, em ritmo musical através de um vídeo do <i>Youtube</i>, o que, possivelmente, os atrairá para os próximos passos. Ao término do vídeo, o professor pode instigar os discentes a uma discussão a respeito das palavras pronunciadas no vídeo, ao perguntar se eles já ouviram, se as consideram corretas ou incorretas e quais foram as palavras que eles observaram como tal. A partir disso, sugerimos um diálogo entre a turma e o mediador sobre o uso dessas expressões, atentando-os para as discussões acerca do preconceito linguístico.</p>
2º Momento: apresentação da temática (01 aula)
<p>Recursos utilizados: <i>slides</i> (<i>datashow</i>), conceitos e imagens.</p> <p>Objetivo da aula: mostrar a importância do conhecimento da variação linguística, apresentando para os alunos a diversidade da língua através de imagens e conceitos.</p> <p>Desenvolvimento da atividade: perguntar, inicialmente, se os estudantes já ouviram falar sobre a diversidade da língua. Para tal, pode-se levar uma breve introdução sobre a variação linguística, baseada na teoria da sociolinguística variacionista, bem como, apresentar seus diversos tipos de variantes. Nessa aula, o docente pode recorrer a <i>slides</i> que tragam conceitos e imagens para exemplificar a diversidade linguística, como, por exemplo, a figura de um pão, que recebe nomes diferentes a depender da região, considerando, assim, uma variação regional; assim como outros materiais que visem chamar a atenção dos alunos. Além disso, nessa aula introdutória, o docente pode apresentar breves considerações a respeito do cordel e de suas características, para que ocorra uma melhor compreensão dos alunos.</p>

3º Momento: observando e refletindo sobre a variação linguística a partir da leitura do texto impresso (2 aulas)

Recursos utilizados: texto impresso, lápis de cor e papel.

Objetivo da aula: refletir no cordel impresso as variedades linguísticas que o mesmo aborda, como por exemplo, a variante regional, histórica e assim por diante.

Desenvolvimento da atividade: distribuir o texto impresso e propor que a turma reorganize as cadeiras e as deixem em formato de círculo, com o intuito de melhorar o contato entre todos durante a leitura compartilhada do cordel. Após a leitura do cordel, pode ser proposto que os alunos circulem com lápis de cor (se preferirem), no texto, as palavras que eles mais utilizam no dia a dia e que, para eles, correspondem a uma variante da língua. Ainda nessa perspectiva, é possível lançar alguns questionamentos, em razão de que esses jovens já terão um conhecimento prévio do que é variação linguística, podendo ser dirigidas tais perguntas:

1. Para você, falar dessa forma como está no cordel é inadequado? O que contribuiu/contribui para sua reflexão?
2. A escrita dessas palavras atrapalhou o seu entendimento?
3. A partir do texto lido, você enxerga diversas variações linguísticas?

Para essa terceira sugestão de pergunta, seria interessante discuti-la mostrando que as variações podem ter caráter social, cultural e/ou histórico. Com relação à última, pode ser questionado se eles já ouviram a palavra caipora, por exemplo. Ademais, pode ser sugerido que eles recordem, se possível, de uma situação em que pronunciaram uma dessas palavras circuladas e que foram criticados por isso, bem como, das vezes que um amigo pronunciou a mesma palavra e eles reagiram de maneira preconceituosa.

A partir disso, pode-se refletir sobre o preconceito linguístico que os alunos enfrentam ou fazem outros enfrentarem devido à ideia, muito introduzida na sociedade, de que falar assim é feio e/ou errado.

É necessário abordar para os alunos, também, que a fala deles não está errada, mas que, muitas vezes, necessita de uma adequação em relação aos ambientes nos quais essa fala está inserida. Para essa ideia, pode acrescentar, para agregar na aula, o exemplo do posicionamento linguístico em ambientes formais e informais.

Para finalizar a aula, pode-se pedir que cada aluno escolha uma ou duas palavras do cordel lido e escreva, em um pedaço de papel, uma frase preconceituosa que já ouviram de alguém próximo ou que perceberam outra(s) pessoa(s) sendo vítimas de tal prática, por usar tal expressão. Para um resultado mais produtivo, é preciso pedir aos alunos que guardem essa escrita consigo, pois servirá para uma dinâmica conclusiva das atividades.

4º momento: analisando o cordel (2 aulas)

Recurso utilizado: dicionário.

Objetivo da aula: esta aula tem como principal objetivo discutir, de forma analítica, sobre as diversas maneiras de expressão.

Desenvolvimento da atividade: propor aos alunos que se dividam em grupos de três a quatro pessoas, a depender do número de estudantes na sala, para que, em conjunto, possam fazer uma breve análise do cordel em estudo. Tal ação tem em vista que, para os PCN (BRASIL, 1998b, p. 88), é possível permitir que algumas atividades sejam feitas em grupos, uma vez que possibilita uma troca entre os discentes, facilitando, assim, “a apropriação dos conteúdos”. Para a análise, pode ser permitido que os alunos busquem em dicionários os significados das palavras desconhecidas por eles e que estejam no cordel, facilitando o reconhecimento das variações linguísticas, como também, é possível ainda, explorar os sentidos real (denotação) e figurado (conotação) das palavras.

Sugerimos, ainda, que seja proposto que os estudantes observem as palavras informais e as analisem de forma reflexiva. Ou seja, que eles reflitam se: a) a linguagem do cordel os faz lembrar dos avós que, possivelmente, têm ou tinham uma linguagem parecida; b) o cordel faz uma denúncia e/ou uma reflexão sobre a questão da realidade de muitos nordestinos que tiveram que largar os estudos para trabalhar; c) os pais ou os avós deles possuem uma realidade igual; d) tais expressões correspondem apenas as pronúncias de todas as pessoas que não obtiveram conhecimentos escolares ou também de falantes que possuem estudos, mas que escolhem pronunciar de tal modo; e) a linguagem abordada reflete sobre o vocabulário de alguma região ou período histórico, etc.

Após isso, o professor pode pedir que os estudantes apresentem suas análises, sendo possível a intervenção do docente e diálogo entre os colegas.

5º momento: dinâmica conclusiva das atividades com o jogo de boliche (1 aula)

Recursos utilizados: bola, garrafas pet, cola.

Objetivo da aula: levar os alunos a reconhecer, através da dinâmica, que o preconceito linguístico machuca o próximo e, por esse motivo, eles precisam agir sempre com empatia e com respeito perante o modo de falar do outro.

Desenvolvimento da atividade: como foi sugerido no final da aula do terceiro momento, nessa oportunidade, o professor poderá utilizar as frases colocadas por cada aluno a partir das palavras já proferidas alguma vez por eles ou por alguém próximo e que lhe fez observar, através da reflexão do texto, como preconceito linguístico. A proposta dessa dinâmica é que os alunos tentem “derrubar” o preconceito perante as suas variações de fala, uma vez que as palavras pronunciadas de maneira preconceituosa causam muitos danos a quem as ouve. A dinâmica poderá ter como tema: “Derrubando o preconceito linguístico através do jogo de boliche”. Enfatizamos, ainda, a possibilidade de utilizar garrafas pet como pinos.

Desenvolvimento do jogo: inicialmente, a turma poderá se dividir em dois grupos, sendo eles A e B. Cada grupo deverá escolher seis colegas da equipe e suas respectivas frases, colando as palavras nas garrafas e colocando-as no chão um pouco distante. Após isso, um membro da equipe irá jogar a bola, a fim de derrubar um dos pinos que contém palavras negativas já ouvidas por eles, cada um dos seis discentes de cada equipe terá uma chance.

Desse modo, quem conseguir derrubar a garrafa contabilizará um ponto para o grupo, ao contrário, será diminuída a pontuação. Porém, o aluno que não obteve

êxito na jogada receberá um abraço de sua equipe, como forma de acolhê-lo, bem como, de mostrar para ele que o grupo valoriza a sua fala e a acolhe com empatia. A finalidade dessa aula, portanto, não é apenas de ser um momento descontraído e divertido, mas também de servir para visualizar as expressões linguísticas dos alunos com respeito e não como motivo para humilhá-los.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

4.1 Reflexões acerca da proposta

Observamos que a aplicabilidade das atividades expostas no quadro acima possui, visivelmente, uma grande importância no que diz respeito ao ensino/aprendizagem dos alunos perante a temática. Nesse sentido, a proposta trabalha não só com o pensamento reflexivo dos alunos, mas também com a criticidade e com o sentimento humanizado deles, haja vista que estimula os estudantes a olharem com respeito, empatia e acolhimento para as diferenças do outro, principalmente, sobre a diversidade linguística.

Com relação a isso, a nossa proposta foi pensada para o ano final do Ensino Fundamental (9º ano), pois acreditamos que, nessa fase, os estudantes já conseguem agir de forma mais madura, conseguindo entender a proposta, bem como, participar adequadamente do que é apresentado. Cabe ressaltar que a intervenção foi preparada visando a reflexão do alunado, através das discussões acerca da variação linguística, abordando cada etapa de modo interativo, a fim de chamar a atenção dos discentes, não apenas para o ensino de Língua Portuguesa, mas também para as diversas questões que envolvem respeito, humanidade e empatia para com as diversidades que cada cidadão traz consigo.

Em virtude disso, sabemos que a sala de aula é diversificada, dado que nela estão inseridos seres humanos que possuem individualidades linguísticas e pessoais. Levando isso em consideração, é possível que a proposta, que foi anteriormente exposta, mesmo sendo direcionada para o 9º ano, possa ser aplicada em turmas diferentes, necessitando, contudo, de reajustes por parte do docente, tendo em vista que outras séries poderão recepcionar as atividades propostas com dificuldade ou facilidade. Dessa forma, acreditamos que os caminhos sugeridos como proposta no trabalho de intervenção podem ser adaptados conforme a realidade de cada turma em que o projeto for inserido.

Ao refletir sobre dificuldades que possam interferir no desenvolvimento da proposta, pensamos em atividades dinâmicas, com o intuito de que esses possíveis obstáculos sejam minimizados. Além disso, buscamos ações que visam contribuir com o interesse dos alunos, através da interação e da dinamicidade das questões, já que os conteúdos, se fossem apresentados de forma isolada, não iriam contribuir com o ensino/aprendizagem e tampouco facilitaria o entendimento dos estudantes, visto que não despertariam o interesse deles. Diante de tais reflexões, visualizamos uma proposta com dinâmicas, jogos, interação e trabalhos em equipe, como forma viável e espontânea de conectar os estudantes ao conteúdo.

Em vista disso, durante a elaboração da proposta, refletimos que as dinâmicas e os jogos não devem ser vistos apenas por uma perspectiva de ensino infantil, pelo contrário, os jovens também gostam de se divertir e, muitas vezes, de serem

desafiados. Nesse cenário, as brincadeiras são sempre bem-vindas para aprimorar o conhecimento dos discentes, principalmente, quando há, em sala de aula, alunos que sentem dificuldades em entender o assunto, sendo necessário criar métodos produtivos para auxiliá-los.

Corroborando o que foi colocado anteriormente, Sigiliano; Ferraz; Pinto (2021, p.12) nos afirmam que “o jogo é, pois, a expressão mais legítima do lúdico e apresenta-se como portador de um potencial enorme para a educação e, mais especificamente, para o ensino de língua portuguesa”. Salientamos, ainda, que a dinâmica utilizada como conclusão das atividades é inteiramente significativa e acolhedora, tendo em vista que, a partir dela, o professor não se coloca como quem sabe de tudo, mas, sim, como mediador da aprendizagem, visto que está apto a não apenas ensinar, mas também, a aprender com seus alunos.

Adiante, apresentamos as nossas conclusões a respeito de todo o trabalho.

5 CONCLUSÃO

O presente artigo apresentou como objetivo geral abordar a importância do ensino variacionista na educação básica, utilizando como alicerce o gênero cordel. Nesse viés, visualizamos na literatura de cordel características variantes que também podem ser trabalhadas com relação à realidade vivenciada pelos alunos e/ou pelos seus parentes, como os falares regionais, históricos, sociais e culturais, características que, geralmente, estão presentes no gênero em questão.

Por meio desse trabalho, é possível reconhecer a dinamicidade da língua em seus diversificados meios de comunicação, tendo em vista que dialogamos não apenas sobre a existência da variante culta da língua, mas também sobre a variante informal, sendo defendido que esta não é utilizada apenas por pessoas que possuem um grau menor de formação, podendo ser utilizada por falantes que estudam a formalidade da língua. Tal fato ocorre, porque, no momento descontraído com familiares, por exemplo, o indivíduo pode falar do mesmo modo que os demais, já que a variante adquirida em seu meio familiar estará, geralmente, presente em seu ato de fala e, por causa disso, pode ocorrer, seja de modo inconsciente ou consciente, o uso de palavras variantes da própria região da qual o falante veio ou em que ele reside.

Acrescentamos, ainda, que o levantamento teórico acerca do que alguns estudiosos discutem sobre a variação linguística e o gênero cordel foram essenciais para o desenvolvimento desse artigo, contribuindo com pensamentos concretos acerca do que foi pontuado perante a temática. Ademais, vale pontuar que a proposta didática presente nesse trabalho surgiu como meio de auxílio para os profissionais docentes que buscam construir em sala de aula não apenas conhecimento, como também, empatia, respeito e valorização das variações linguísticas existentes em nosso país, o qual é riquíssimo de diversidade, seja linguística, racial, cultural, religiosa, entre outras.

Diante disso, justificamos que esta pesquisa possui grande relevância para o ensino básico, tendo em vista que, muitas vezes, o processo de ensino/aprendizagem não considera as realidades das escolas. Isso pode ocorrer por diferentes motivos, seja por profissionais que não enxergam a importância de se trabalhar a variação linguística em sala de aula, seja pelo próprio currículo da escola que não se abre para as questões diversificadas presentes na própria instituição. Além disso, pode existir ausência de interesse ao acesso à literatura cordelista, a qual abre um leque de possibilidades para se trabalhar, em sala de aula, a questão variante e outras vertentes.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a temática aqui desenvolvida, haja vista que ela respeita e valoriza a diversidade da língua. Portanto, esperamos que essa proposta possa contribuir para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Renata Cristina. **Uma experiência com a produção do texto literário: o cordel no processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 15-30.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola: 2004.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BECHARA, Evanildo. Para quem se faz uma gramática? *In*: NEVES, Maria Helena de Moura; GALVÃO, Vânia Cristina Casseb; LEITE, Marli Quadros; SAVIOLI, Francisco Roberto Platão. **Gramáticas Contemporâneas do português: Com a palavra os autores Evanildo Bechara ... [et. al.]**. São Paulo: Parábola, 2014, p. 19-30.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo. Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- CAGLIARI, Luís C. Alfabetização e Linguística. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002. *In*: LIMA, Stélio Torquato. Os PCN e as potencialidades didático-pedagógicas do cordel. **Acta Scientiarum. Education**, v. 35, n. 1, p. 133-139, 26 nov. 2012.

CYRANKA, Lúcia F. de M. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso. (Org.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010, p.19-36.

OLIVEIRA, Luís Carlos de; CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. **Soletras Revista**, n. 26, p. 75-90, jan./dez., 2013.

SIGILIANO, Natália; FERRAZ, Cláudia Ferreira; PINTO, Maria Beatriz. Ludicidade nas aulas de Língua Portuguesa. *In*: SIGILIANO, Natália; BERNO, Laís Sathler (Orgs.). **Ensinar português de forma divertida: atividades lúdicas para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021.

SILVA, Ana Valéria Ubaldo da. **A literatura de cordel como prática motivadora da leitura e da escrita em sala de aula**. Garanhuns, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 – A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, Maria Ribeiro. **O Cordel na sala de aula: a resignificação do ensino de língua portuguesa**. 2014. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Sousa, 2014.

ANEXO A – POEMA O POETA DA ROÇA¹

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô
Que véve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vivía sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastéro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso so entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisas do Norte.

¹ Cantando as verdades das coisa do Norte. ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978. In: JAQUELINE. Música (atividades): O Poeta da Roça - Patativa do Assaré – com gabarito. Armazém de Textos, [s.l.]. 26 Out. 2018. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/10>>. Acesso em: 31 Out. 2022.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Severino (*in memoriam*), à minha mãe, Ana (guerreira), a qual, diariamente, veste a sua armadura de mulher forte, mesmo sendo tão frágil, em alguns momentos que tanto necessitamos da presença física do meu pai. Mainha, a senhora é, para mim, exemplo de fé, de amor, de sabedoria e de força.

Ao meu Deus, por permitir que, juntos, meus pais conseguissem dar aos meus irmãos e a mim uma boa educação de caráter e de humildade e que, agora, mesmo sozinha, mainha siga com essa missão de forma indescritível.

Aos meus queridos e amados sobrinhos, Anna Laryssa e Enzo Gabriel, por serem luz em minha vida. Hoje, eu não sei onde estaria se não fosse a presença tão angelical de vocês, fazendo-me sentir, em cada abraço, o carinho e o amor de Deus. Gratidão.

Agradeço de todo coração ao Tiago, meu esposo, pela paciência, pelo companheirismo, pela motivação diária e pelo apoio emocional em momentos de crises de ansiedade e de incontroláveis choros. Tiago, você é essencial em minha vida, seu ombro amigo me faz sentir segura e amada, e eu jamais teria palavras certas para agradecer tanto cuidado e afeto. Você chegou na hora certa. Agradeço, também, pelos diversos momentos de incontroláveis risos que passamos e que ainda iremos vivenciar juntos.

À minha irmã, Andrielle, pela motivação, pelo apoio e pelo incentivo diário.

Às colegas de classe, pelo apoio, carinho, ajuda e acolhimento, principalmente, à minha querida Evania, que, desde o início do curso, foi minha dupla nas atividades e a quem eu sempre pude recorrer nos momentos de angústia, os quais dividíamos. Por isso, acredito que a frase “ninguém solta a mão de ninguém” combina muito conosco, pois se não fosse o apoio uma da outra teríamos desistido no meio do caminho.

Agradeço a melhor amiga que eu já tive, da qual eu sinto falta diariamente, Mércia (*in memoriam*). Não é fácil dizer em palavras a gratidão que sinto por tudo, visto que me emociono sempre que as boas lembranças me vêm à memória, dado que ela foi uma pessoa muito marcante em minha vida e que, certamente, estaria celebrando comigo essa vitória e, sem dúvidas, eu também estaria torcendo por ela na conclusão de algum curso, já que o sonho dela era entrar em uma Universidade. Só tenho a agradecer a Deus por ter me dado a sorte de conhecer alguém que eu pudesse chamar de amiga.

À minha orientadora, Fátima Aquino, pelo auxílio, pela paciência, pelo carinho e pela dedicação, os quais foram essenciais para a melhoria e conclusão desse trabalho. Sinto-me muito grata e satisfeita por cada orientação.

Às minhas queridas professoras que aceitaram fazer parte desta banca de TCC, Dani e Karla, meu muito obrigada. Vocês são aquele tipo de docente que nos espelhamos e desejamos ser, haja vista que é inspirador olhar para vocês e ver não apenas alguém que transmite o que aprendeu, mas que, também, está a todo momento disposto a aprender com os outros. Em virtude disso, palavras não seriam suficientes para dizer o quanto vocês são inspiração para mim, desejo que eu seja pelo menos um pouco do que vocês são em sala de aula, transmitindo, do mesmo modo, leveza, carinho e sentimento de gratidão. Karla, eu não tive a oportunidade de estudar com você, mas afirmo isso pelo fato de ter ouvido de grandes amigos o quanto você é top, assim como Dani, de quem tive o prazer de ser aluna na disciplina de Sociolinguística, e foi através dela que amadureceu em mim esse amor pela temática.

Ao melhor coordenador, Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, pelo incentivo, pelo carinho, pela competência, pela responsabilidade e pela amizade de sempre.

À minha psicóloga, Aline Machado, por sempre ver em mim uma pessoa capaz, por me ensinar, continuamente, que eu devo fazer sempre o melhor que eu posso e, se der errado, que eu possa agir de forma compreensiva e amorosa para com o momento e para comigo mesma, recordando que o meu melhor foi dado. Você é incrível e me faz sentir incrível também. Obrigada.

À nova mulher que me tornei. Recordo-me quando pus, pela primeira vez, os meus pés na UEPB para dar início ao curso de Letras. Eu estava muito insegura, tímida, desencorajada e completamente ansiosa (apesar de ser uma luta constante), mas que, hoje, conclui, pela mesma instituição, uma pós-graduação. Quem diria que eu chegaria até aqui, orgulho-me de todo o processo, o qual me fez e me faz crescer diariamente. Espero que a cada nova fase eu reconheça que posso ir mais longe, independente do percurso e das dificuldades que insistem em atravessar meu caminho diariamente. EU SOU FORTE!!

Àqueles que duvidaram da minha capacidade, que fizeram de tudo para que eu desistisse no meio do caminho e àqueles que me machucaram eternamente, deixando em mim grandes cicatrizes internas, eu também os agradeço, pois foi duvidando do meu potencial e fazendo o possível para que a minha vida se tornasse algo doloroso que me fizeram ter mais coragem ainda para continuar. Como disse Mário Quintana, “Todos esses que aí estão Atravancando o meu caminho, eles passarão... Eu passarinho!”. Graças a Deus e a sua misericórdia me alcançando diariamente, eu afirmo: estou “passarinho”. E, com certeza, falo sem dúvida alguma, se não fosse também o amor, o cuidado e o carinho de Jesus para comigo, eu não estaria hoje aqui.

E, não menos importante, agradeço aos meus futuros filhos. Diariamente, peço, em meu coração, que venham cheios de saúde e sabedoria. Futuros filhos, mesmo sem saber quando irão chegar e tampouco como serão, eu já os amo muito e é por vocês que ainda me mantenho forte e encorajada a buscar um melhor futuro para vocês e para nós.

Peço desculpas por quase duas laudas de texto, mas senti, em meu coração, que eu deveria fazer isso, talvez expressei muito o sentimento o qual me veio enquanto escrevia, mas acredito que esse é o meu momento de gravar em palavras tudo que sinto em relação a Deus e a todos. Por fim, GRATIDÃO!!!!